

# economia



**Observador**  
Affonso Ritter

aritter20@gmail.com

## Guerra comercial EUA x China

A guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, intensificada pela escalada de tarifas impostas pelo presidente norte-americano, que já chegou a 245%, causou grandes mudanças no comércio global. A reação chinesa agravou a tensão entre as duas maiores economias e impactou diversos países ao redor do mundo, incluindo o Brasil. A disputa desorganizou cadeias de suprimento, forçou a renegociação de contratos e exigiu que empresas no mundo todo se adaptassem a um cenário de incertezas e custos mais altos. Para as empresas brasileiras, a guerra comercial deve representar tanto riscos quanto oportunidades.

## Riscos e oportunidades

Por um lado, houve espaço para ocupar mercados antes dominados por produtos chineses, especialmente no setor de commodities e manufaturas básicas, mas desafios como alta nos custos, dependência de insumos importados, câmbio instável e dificuldades de adaptação comprometeram os resultados. Em um futuro próximo, pode pressionar ainda mais os negócios que já lidavam com um ambiente interno desafiador, marcado por alta carga tributária e burocracia excessiva.

## O programa RS Talentos

A Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul, realizará no dia 27 deste mês o Sergs Debates RS Talentos: Formação para Áreas Estratégicas. Será analisado, na oportunidade, o programa "RS Talentos" lançado pelo Governo do Estado durante o South Summit Brazil, com o objetivo de oferecer bolsas de estudo para a formação de engenheiros em universidades públicas e comunitárias do RS. O evento ocorrerá das 9h às 12h na sede da entidade no bairro Pedra Redonda em Porto Alegre

## A compra de imóvel à vista

Mais de um terço dos moradores da Capital (35%) que planejam comprar um imóvel nos próximos seis meses pensam em usar recursos próprios. O percentual está acima da média nacional, que é de 23%. No Brasil, o financiamento ainda é a forma mais comum de adquirir uma casa ou apartamento (32%). Mas, na capital gaúcha, cresce o número de pessoas dispostas a pagar à vista. Em janeiro, eram 14%. Em abril, 35%. Os dados são do Índice de Confiança no Mercado Imobiliário Loft.

## Missão do Sicredi nos EUA

Um grupo de diretores e executivos do Sicredi estão nos Estados Unidos até o dia 25 deste mês, em missão técnica para fortalecer a liderança estratégica e inovação da instituição. Na Filadélfia, terão imersão em temas como IA e cibersegurança na escola de negócios da University of Pennsylvania. Em NY, visitam a Salesforce, uma das maiores empresas globais de tecnologia.

## A inflação menor em abril

O IPCA, que mede a inflação oficial do País, teve uma alta de 0,43% em abril, menor do que a registrada no mês anterior e em linha com o que era esperado pelo mercado, segundo análise dos economistas do Instituto de Economia Gastão Vidigal da Associação Comercial de São Paulo. Mas em relação ao acumulado em 12 meses, acelerou para 5,53%, ficando ainda mais acima do limite máximo estipulado pelo Banco Central (4,50%).

## Um novo fôlego para a costura

No ritmo do consumo consciente e da moda circular, a costura que no dia 25 deste mês celebra a profissional do setor, ganha novo fôlego no Brasil. A data destaca histórias como a da paraibana Daniella Alves, da rede Tem Jeito, que representa uma geração de costureiras empreendedoras. Em um cenário onde reaproveitar, ajustar e customizar roupas se tornou tendência, o ofício manual se transforma em arte, negócio e expressão. Uma pauta sobre tradição, inovação e o futuro da costura no País.

# Galípolo sinaliza que manterá taxa Selic alta por mais tempo

Desancoragem das expectativas justifica nível dos juros, diz presidente do BC

/ CONJUNTURA

O presidente do Banco Central (BC), Gabriel Galípolo, disse ontem que a desancoragem das expectativas justifica a manutenção dos juros em terreno restritivo por período mais prolongado do que o normal. "Achamos que isso é absolutamente normal e temos reforçado que, com as expectativas desancoradas, no cenário que temos assistido, e até com o histórico mais recente, faz sentido permanecer com essas taxas de juros no patamar restritivo por um tempo mais prolongado do que usualmente se costuma praticar", declarou, durante participação em conferência do Goldman Sachs, em São Paulo.

Galípolo ressaltou que, com a taxa de juros em patamar mais elevado, a autoridade monetária busca não deixar dúvidas em relação à sua função de reação e compromisso com a meta de inflação. Essa posição, emendou, corrobora com a estabilidade, diferentemente dos anos anteriores, nas previsões de mercado em relação ao desempenho da economia.

Evitando dar sinalizações que vão além de manter os juros restritivos pelo tempo que for necessário, Galípolo afirmou que, "para a tristeza de quem esperava algum tipo de indicação", o momento é de apontar como o BC vai reagir, e não o que vai fazer nas decisões sobre juros. "Acho que o momento de incerteza demanda muito mais uma postura nesse sentido, para a gente



LULA MARQUES/ AGÊNCIA BRASIL / DIVULGAÇÃO / JC

Autarquia seguirá atenta ao cenário inflacionário, assegura Galípolo

explicar qual é a nossa função de reação e menos dizer o que nós vamos fazer."

A respeito dos possíveis choques decorrentes da política comercial dos Estados Unidos, Galípolo citou a atividade global, as commodities e o câmbio entre os principais canais de transmissão.

O presidente do BC afirmou que a autarquia está e seguirá atenta ao cenário inflacionário. Ele comentou que o aumento de 425 pontos-base da Selic está justificado pelo cenário, e que os indicadores estão respondendo como o esperado à transmissão do aperto monetário.

Ainda assim, Galípolo ressaltou que o BC tem monitorado os dados com parcimônia e cautela, e não tem olhado para um único indicador. A posição do BC, pontuou, é entender que juro migrou para patamar contracionista e preservar a flexibilidade para ter a

reação necessária à evolução do cenário diante das incertezas. "No nível de Selic em que estamos, período de juro alto passa a ter mais peso", declarou.

O presidente do Banco Central disse ainda que houve consenso no Comitê de Política Monetária (Copom) na leitura de que o balanço de riscos inflacionários se tornou menos assimétrico, o que levou o colegiado a apontar, em sua última reunião, três riscos de alta e três de baixa da inflação. Ele observou que as caudas do balanço de riscos "ficaram mais gordas" - ou seja, ganharam peso -, assim como houve uma mudança na dispersão.

"Nossa intenção na comunicação é tentar ser o mais transparente possível", ressaltou o banqueiro central. Galípolo avaliou ainda que, com sucessão de choques externos, é normal haver uma quebra de sincronia na política monetária entre os bancos centrais.

## Alterar meta da inflação não está no radar da CMN

O presidente do Banco Central disse que a autoridade monetária demonstrou a sua função de reação e o nível do seu comprometimento com a meta durante o ciclo de aperto monetário conduzido desde setembro. Ele reiterou que o BC vai continuar perseguindo o

alvo para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

"A gente vai usar o instrumento que a gente tem para fazer a perseguição da meta", disse Galípolo.

O banqueiro central afirmou que não há, no Copom, nenhum

tipo de flexibilização na persecução da meta.

Ele lembrou que o horizonte relevante do colegiado é público, divulgado a cada reunião. Hoje, esse horizonte é o último trimestre do ano que vem.

Galípolo negou, ainda, que haja qualquer discussão entre os membros do Conselho Monetário Nacional (CMN) sobre a possibilidade de alterar a meta de inflação, abrindo espaço para um corte de juros. O centro do alvo é de 3%, com tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos.

"Sem discussão. Isso não é um tema que está sendo discutido. Zero", disse o presidente do BC.



**VIDROBOX**

DESDE 1971

**- Vidros Gerais**

Temperados - Laminados - Termo-acústicos

Controle solar - Texturizados - Múltiplos

vidrobox@vidrobox.com.br - (51) 3302 - 4343